

2022 vem aí: prepare-se!

Os próximos meses, até as eleições de 2022, serão complicados: queda na renda das camadas mais pobres, inflação, juros em alta (maior ainda com o aumento no IOF) e um quadro político conturbado. Para complicar, risco de apagão elétrico. E o andamento das reformas essenciais, provavelmente, será muito prejudicado por tudo isto.

Mas, pelo menos parece que a pandemia está se reduzindo e a crise sanitária, logo, ficará apenas na lembrança (aliás, muito amarga).

Neste grupo, gostaria de sugerir o seguinte modelo: colocar um tema em discussão, ouvir quem quiser se manifestar a respeito dele e trocar pontos de vista.

Quando esgotado, propor novos temas, votar para escolher o próximo e, novamente, discutir o escolhido.

Serei o moderador do grupo, para tentar manter o foco e evitar devaneios. Como todos me conhecem, aceitarei reclamações. Mas acho que não conseguirei mudar...

A qualquer momento, sintam-se à vontade para sair, deixar de opinar, etc. Liste pessoas das quais tinha o celular. Se alguém quiser sugerir novos nomes, pode convidar. Única condição: que seja ligado ao setor, preferencialmente, sem ser fornecedor.

Já iniciando com o primeiro tema, vamos focar na INFLAÇÃO. Desde o plano Real, tivemos um surto no governo Dilma, depois controlado por Temer. Após o início do COVID 19, ocorreu um repique.

A inflação, como todos sabemos, pode ter causas estruturais ou circunstanciais. A pandemia, por exemplo, em todo o mundo, provocou aumento nas taxas inflacionárias, por ter demandado recursos públicos muito acima do normal e de forma inesperada. É um fator circunstancial, portanto.

As causas estruturais, contudo, têm raízes no gasto público excessivo, mesmo sem fatores anormais. É o caso do Brasil, que apresenta, há muito tempo, uma tendência de elevação neste ponto, com déficit crescente em relação ao PIB.

Como provavelmente, nada de importante se conseguirá fazer neste período eleitoral, é lógico supor que ela não arrefecerá, no médio prazo.

Mas como a INFLAÇÃO afeta o negócio do supermercado?

- 1) Distorce o acompanhamento das vendas: em tempos normais, pode-se comparar períodos com base em valores nominais. Num momento inflacionário, como agora, as vendas precisam ser deflacionadas, para que a avaliação seja realista.
- 2) Para quem está numa posição de TOMADOR de recursos, isto significa aumento de custos financeiros, caso as operações sejam pós-fixadas.
- 3) Para quem é aplicador, neste quadro, é recomendável atrelar aplicações ao CDI, um indexador sempre sintonizado com aumento da SELIC.
- 4) Eventualmente, estoques finais poderão ser impactados pelas variações de preços para maior, sobre a mercadoria que já está em casa e foi paga. Isto produzirá um lucro bruto inflacionário e distorcerá o resultado. Claro que só ocorrerá se a empresa alterar preços de aquisição com base na tabela de fornecedores e não em NFs da última entrada ou com base no custo médio.
- 5) Vendas a prazo serão corroídas pela taxa inflacionária, reduzindo seu valor real, por ocasião de seu recebimento.
- 6) Fornecedores poderão alterar suas tabelas, incorporando correção para os preços nas vendas a prazo.
- 7) Investimentos em estocagem, para além do TEMPO de PERMANÊNCIA normal, precisarão ser muito bem avaliados.
- 8) Compras à vista, contudo, em fornecedores que estejam TOMADORES, poderão criar excelentes oportunidades para reduzir CMV, desde que existam recursos disponíveis para uma estocagem além do normal.

- 9) Passivos circulantes, de um modo geral, poderão representar uma oportunidade de ganho, caso se possa tomar recursos por taxas mais baixas do que cobram os credores ou se tenha capital de giro disponível.

Podem haver outras consequências que não tenham me ocorrido. Por favor, opinem, discutam, apresentem seus pontos de vista. Por texto, áudio ou vídeo. Como preferirem.

Mas, em suma, como trataremos a inflação?